

RESENHA CRÍTICA DO ARTIGO CIENTÍFICO "AUTONOMIA DA MULHER NO TRABALHO DE PARTO: CONTRIBUIÇÕES DE UM GRUPO DE GESTANTES"

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset
Maura Josiane de Oliveira dos Santos Frith
Anderson Frith

RESUMO

Esta atividade de produção e socialização de resenha crítica - efetuada por acadêmicos de Enfermagem da Unoesc Xanxerê - objetiva dar visibilidade ao conhecimento construído a partir da esfera da sala de aula, transpondo as paredes da Universidade, para o alcance da comunidade acadêmico-científica. No componente curricular Produção de Textos solicitou-se a leitura de artigo científico da área da Saúde, buscando ampliar o repertório de leitura e estabelecer diálogo intertextual com a ementa proposta. Esta publicação contribui para disseminar o conhecimento produzido na Unoesc, qualifica tanto o curso de Enfermagem quanto os discentes, que foram desafiados à escrita e ao letramento científicos.

O artigo aqui resenhado possui autoria de Greice de Medeiros Zirr, com o seguinte título, Autonomia da mulher no trabalho de parto: contribuições em um Grupo de gestantes. O artigo de sete páginas foi desenvolvido durante a especialização da autora em Residência Integrada Multiprofissional em Saúde (RIMS), na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/BR, publicado na Revista Mineira de Enfermagem - REME -, na

edição de julho de 2019. Para este estudo, a autora recebeu a supervisão e validação de Margarete M. Lima, Vitoria R. P. Gregório e Vania S. Collaço.

Segundo o currículo Lattes, Greice de Medeiros Zirr é graduada em Enfermagem pela Universidade de Passo Fundo (2015). Realizou intercâmbio em enfermagem pela Universidade do Algarve, UALG, Portugal, durante a sua graduação (2014). Especialista na modalidade Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher e da Criança pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Possui três publicações bibliográficas, e está cursando especialização em Saúde Pública pela UFRGS. Dentre as suas experiências profissional estão estágios realizados durante a sua graduação entre 2010 e 2015, na Universidade de Passo Fundo; atualmente é Enfermeira Servidora na Estratégia Saúde da Família em Várzea Grande - Gramado, RS.

O artigo ora resenhado apresenta uma pesquisa documental com enfoque qualitativo, realizada com o Grupo de Gestantes e Casais Grávidos da UFSC, com o objetivo de identificar de que modo o grupo de gestantes tem contribuído para o fortalecimento da autonomia da mulher durante o trabalho de parto e nascimento, buscando evidências científicas e a implementação de boas práticas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a fim de empoderar as gestantes para que elas tenham autonomia, sobre seu processo de parto e nascimento. Dessa forma, dando significado, a uma das frases clássicas de Michel Odent: "para mudar o mundo, é preciso, antes, recuperar a autonomia das mulheres, para que elas possam mudar a forma de nascer".

Os grupos de gestantes são uma forma complementar de subsidiar as consultas de pré-natal, espaços dinâmicos que buscam promover a saúde de forma integral, com informações claras e de qualidade. Os resultados deste estudo foram apresentados a partir de quatro categorias: hora de ir à maternidade, conscientização do processo de partear, vivenciando o parto e práticas que interferem na autonomia da mulher segundo os relatos das puérperas participantes do grupo.

Com o reconhecimento do trabalho de parto como processo fisiológico, é possível empoderar, fortalecer a segurança e a compreensão

da mulher, uma vez que, culturalmente, o parto é visto como fenômeno que causa intensa dor e é necessário desmistificar esse legado. O uso dos métodos não farmacológicos de alívio da dor no trabalho de parto traz uma abordagem mais humanizada no atendimento. A utilização excessiva de práticas e intervenções são percebidas como uma violação dos direitos humanos e reprodutivos das mulheres. O acesso à informação coerente, clara e embasada em evidência científica é a base essencial para que a parturiente tenha autonomia para tomar decisão sobre qual procedimento deseja aceitar ou recusar. Quando há diálogo entre o profissional a mulher e o acompanhante, aumenta a probabilidade de a parturiente sentir-se segura para decidir, sendo a assistência definida por elas como de qualidade e humanizada.

Como consideração final, a autora traz a observação de que o grupo de gestantes é uma ferramenta complementar importante e eficaz para a consolidação da autonomia feminina no processo de parturição, conscientiza a mulher sobre a fisiologia do trabalho de parto, a partir do reconhecimento de suas etapas, fortalecer o enfrentamento ao parto, baseado no conhecimento do seu direito, e das boas práticas de atenção ao parto e ao nascimento. Entretanto, percebeu, que a participação no grupo, a busca por informações e o preparo de gestante para o parto não traduzem a certeza de uma assistência sem intervenções desnecessárias, pois ainda se observa grande relação assimétrica entre profissional e o usuário. Nessa perspectiva, é necessário que as mulheres continuem participando das discussões sobre direitos sexuais e reprodutivos e políticas públicas de saúde.

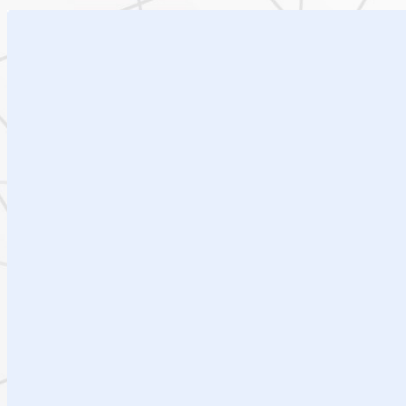
O tema que a autora traz é um tema coerente, atual e extremamente necessário, pois as mulheres podem perder o protagonismo no momento do parto, tornando esse momento uma experiência traumática para muitas delas. As brasileiras com risco obstétrico habitual, independentemente de grupo socioeconômico, estão sendo desnecessariamente expostas aos riscos iatrogênicos no parto. Estudo abordando especialmente mulheres da região Sul identificou elevadas taxas de episiotomia, manobra de Kristeller, uso de

ocitocina, restrição alimentar e hídrica, entre outras condutas danosas, sem respaldos científicos. Ao serem instrumentalizadas nos grupos, as mulheres passaram a reconhecer os seus direitos, as práticas que interferem de forma negativa na autonomia e protagonismo do parto, ficando aptas para criar o seu plano de parto. Porém, em alguns casos, mesmo a gestante deixando claro que não quer determinada intervenção, o profissional a realiza da mesma forma, não respeitando os princípios da Bioética, da autonomia, configurando violência obstétrica. Isso significa que, muitas vezes, mesmo a mulher possuindo o conhecimento necessário, ela não consegue ter autonomia nas decisões sobre seu próprio corpo. O artigo é relevante, destina-se aos profissionais da área da saúde, estudantes e a mulheres em geral, com enfoque no período gravídico.

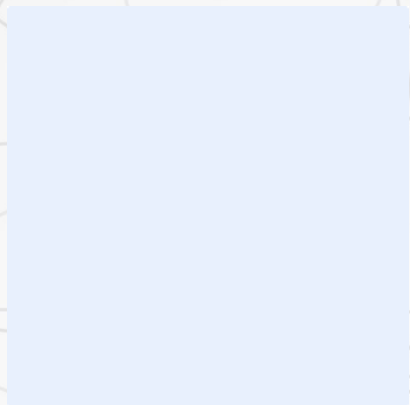
Referência

Zirr GM, Gregório VRP, Lima MM, Collaço VS. Autonomia da mulher no trabalho de parto: contribuições de um grupo de gestantes. REME – Rev Min Enferm. 2019. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1205.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022. DOI: 10.5935/1415-2762.20190053

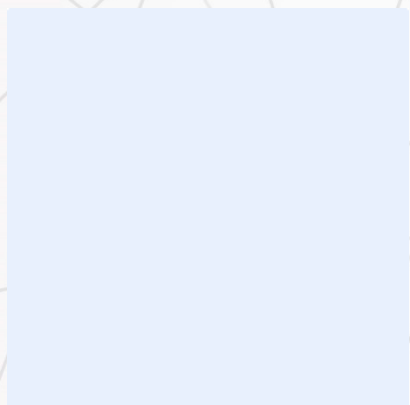
Imagens relacionadas



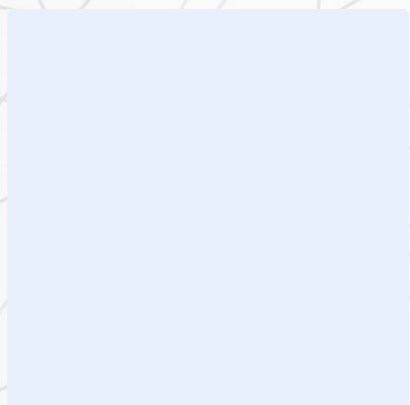
Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte:



Fonte: